

Últimas esperanças

Covas e Maluf permanecem na disputa pelo segundo lugar nas eleições de 15 de novembro. Podem perfeitamente se beneficiar do que venha a acontecer no ainda superpovoado ninho dos indecisos. Pode, no caso de Covas, beneficiar-se do "voto útil" que se concentraria num candidato de esquerda com reais chances de, no segundo turno, derrotar o favorito Collor. Pode, no caso de Maluf, beneficiar-se da herança deixada pela candidatura Sílvio Santos. Além do mais, os dois encontram-se muito perto do segundo colocado, Brizola. Não é impossível que o alcancem.

Covas e Maluf são os preferidos da classe A, que representa menos de 7% do eleitorado. Covas tem aí 19.1% e Maluf tem 15.7%. Nas classes mais baixas,

C e D-E, os dois estão em quarto lugar (Maluf) e quinto (Covas). Ou seja: nas classes que representam mais de 70% do eleitorado, eles não aparecem tão bem. E é exatamente aí que se encontram os maiores contingentes de indecisos e de ex-eleitores de Sílvio Santos.

No Estado de São Paulo, Maluf continua em primeiro lugar, com 22.4%. E Covas continua encostado, no segundo lugar, com 18.2%. A leitura das entrelinhas da política, neste caso, leva à conclusão de que Maluf alcançou um de seus objetivos ao entrar na disputa da Presidência: credenciou-se desde já a lutar pelo governo de São Paulo em 1990. O mesmo obteve Covas, mesmo que não tivesse esse objetivo ao entrar na disputa presidencial.

O empate na reta final

Maluf volta a crescer e fica empatado com Mário Covas, depois da queda do tucano

